

Rebelo de Bettencourt e Fernando Pessoa: Dois poemas publicados no *Diário dos Açores*

Vasco Rosa*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Rebelo de Bettencourt, poesia, *Diário dos Açores*, Névoa, Minuete invisível

Resumo

Este texto apresenta o poema “Névoa” de Fernando Pessoa, publicado pela primeira vez no *Diário dos Açores*.

Keywords

Fernando Pessoa, Rebelo de Bettencourt, poetry, *Diário dos Açores*, Névoa, Minuete invisível

Abstract

This text presents the poem “Névoa” by Fernando Pessoa, published for the first time in the *Diário dos Açores*.

* Editor e investigador independente.

Jornalista açoriano (1894-1969), Rebello de Bettencourt participou no *Portugal Futurista* escrevendo sobre o seu amigo Santa-Rita Pintor; e na revista-magazine *Lisboa Galante*, de que foi redactor-principal, defendendo, contra Sousa Lopes, que os pintores modernistas fossem representados no Museu de Arte Contemporânea de Lisboa; isto em 1929, oito anos depois da célebre polémica dos Novos, sobre a apresentação destes na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Do convívio lisboeta dessas vanguardas, na companhia presumível do seu conterrâneo Armando Cortês-Rodrigues, Rebello haveria de dar testemunho no livro *O Mundo das Imagens: Crónicas*, saído pela editora Ressurgimento em Maio de 1928, onde se refere a Almada Negreiros (páginas que merecem ser lidas) e a outros, entre os quais, como não podia deixar de ser, Fernando Pessoa (pp. 75-78).

Na sua *Pessoana – Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática*, José Blanco (2008: 131) identifica esta publicação, mas a sua sonda (6214 entradas, 924 páginas) não alcançou a página “Letras” do *Diário dos Açores* de 17 de Julho de 1930, onde Rebello Bettencourt replicou o seu texto, juntando-lhe dois poemas de Fernando Pessoa, um dos quais, “Névoa”, nunca recuperado. Agradeço a Jerónimo Pizarro a bondade de os dar também aqui.¹

Bibliografia

- BLANCO, José (2008). *Pessoana – Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- CABRAL MARTINS, Fernando (2010), “Bettencourt, Rebello de (1894-1969)”, in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins, coordenação. Lisboa: Caminho, 2010, p. 86.

¹ Rebello de Bettencourt também publicara, em 1920, pela Livraria Editora Andrade, de Angra do Heroísmo, *Os Novos Escritores – Ensaio de Crítica Nacionalista sobre a Arte e as Ideias da Nova Geração*. Fernando Cabral Martins (2010: 86) não se lhe refere no seu verbete sobre o açoriano no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*.

Fernando Pessoa

É uma obra fragmentaria a obra de Fernando Pessoa, uma obra dispersa, mas que, pelo poder da sua originalidade, pela vida intensa da sua emoção, existe e permanece inconfundível e viva.

Santa Rita Pintôr tinha a faculdade de vêr as coisas d'outra maneira, exactamente como elas deveriam sêr; José d'Almada Negreiros tem o poder de transformar o impossível numa realidade palpável, mas Fernando Pessoa tem o dom de pensar, de reduzir a ideias todas as suas sensações. As suas imagens são ainda pensamentos, e o proprio ritmo dos seus versos é também uma serie de ideias—ideias postas em musica.

É por isso que se nem todos entendem inteiramente o pensamento intimo dos seus poemas, ninguém se pode forçar á afavel sedução das suas rimas.

É preciso lê-lo com intelligencia e com sensibilidade—porque os seus versos não são como os versos de muitos outros poetas.

Quasi todos os poetas fazem-nos sentir as suas emoções e só elas, e o nosso coração, alheando-se de si mesmo—só estremece com o sentimento alheio. Fernando Pessoa, pelo contrario, faz-nos scordar ao mesmo tempo um novo mundo de imagens, que não são dele somente, mas são nossas também.

É tão complexa ou tão completa a sua personalidade—que teve que se desdobrar em Alvaro de Campos, nesse extraordinario engenheiro Alvaro de Campos, que ficou existindo só porque ele o imaginou.

Santa Rita Pintôr admirava-o como um dos mais interessantes espiritos da sua geração, como a melhor e mais forte intelligencia da nova literatura. E Santa Rita não se enganava, como não se enganou nunca nas suas apreciações, porque as fazia sempre mais com a intelligencia do que com a sensibilidade—embora nele a sensibilidade fosse uma intelligencia também.

Esparsa e fragmentaria é a sua obra quasi esquecida

no Orfeu, no Portugal Futurista, no Centauro e na Atena, mas o seu espirito original e creadôr, a subtiliza do seu pensamento, não hão de morrer tam cedo, antes estarão sempre, como amparo e guia, ao lado de todos quantos, sentindo na sua intelligencia a necessidade quasi fisica de sêr uma outra coisa, mais completa e perfeita, nela hão de sentir o precursôr dum grande movimento e a origem duma nova vida.

Fernando Pessoa sentiu também a exigente necessidade de se crear um novo homem, com um novo cerebro, vivendo e agindo num mundo novo. A velhice do mundo apavorava-o—e era absolutamente necessario que uma nova juventude viesse renovar a Europa envelhecida. E Fernando Pessoa, ou melhor, o Alvaro de Campos, exclamava:

«A Europa está farta de não existir ainda! Está farta de sêr apenas o arrabalde da si propria!»

Nela ardia pois o desejo firme de se descobrir um novo mundo, porque o que existia, era, quando muito, estrume e só estrume para o futuro.

Que faz Fernando Pessoa? Não sei. Mas quero crêr que ele não precisa fazer mais nada, porque a sua obra já está feita—e se esta d'alguuma coisa carece é de ser compreendida e depois de compreendida, continuada.

É digna de sêr compreendida e continuada a sua obra porque um lirismo indito nela palpita, um lirismo feito de sentimento português e de intelligencia europeia.

A nossa literatura definhasse no limite estricto das nossas fronteiras, e não comove o mundo, exactamente porque lhe falta um sentido europen, que, se o tivesse, lhe daria um caracter internacional, embora fosse, ao mesmo tempo, enraizadamente nacionalista.

É a obra dum português europeu a obra lirica de Fernando Pessoa.

Rebela de Bettencourt

(Do Livro: O mundo das Imagens)

Versos de Fernando Pessoa

Minuete invisível

*Elas são vaporosas,
Palidas sombras, as rosas
Nadas da hora lunar...*

*Vêm, aéreas, dançar
Como perfumes soltos
Entre os cantetros e os buxos...
Chora no som dos repuxos
O ritmo que há nos seus vultos...*

*Passam e agitam a brisa...
Pálida, a pompa indecisa
Da sua flêbil demora
Patra em auréola à hora...*

*Passam nos ritmos da sombra...
Ora é uma folha que tomba,
Ora uma brisa que treme
Sua leveza solene...*

*E assim vão tudo, delirado
Seu perfil único e lindo,
Seu vulto feito de todas,
Nas alamedas, em rodas
No jardim livido e frio...*

*Passam sóslhas, a fio,
Como um fumo tido, a rarear,
Pelo ar longinquo e vazio,
Sob o disperso pelo ar,
Palido palio lunar...*

Névoa

*A névoa envolve a montanha,
Húmido, um frio descez.
O que é esta mágua estranha
Que o coração me prendeu?*

*Parece ser a tristeza
De alguém de quem sou actor,
Com fantasiada viveza
Toraxia fã minha dor.*

*Mas, não sei porquê, me doi
Qual se fora eu a ilusão;
E ha névoa em tudo o que fol
E frio em meu coração.*

Anexo: *Diário dos Açores*, 17 de Julho de 1930.

Nota: Foi transcrito actualizando a ortografia. “Pessoa” está com acento circunflexo na publicação impressa.

Fernando Pessoa

É uma obra fragmentária a obra de Fernando Pessoa, uma obra dispersa, mas que, pelo poder da sua originalidade, pela vida intensa da sua emoção, existe e permanece inconfundível e viva.

Santa-Rita Pintor [-1919] tinha a faculdade de ver as coisas doutra maneira, exactamente como elas deveriam ser; José de Almada Negreiros tem o poder de transformar o impossível numa realidade palpável, mas Fernando Pessoa tem o dom de pensar, de reduzir a ideias todas as suas sensações. As suas imagens são ainda pensamentos, e o próprio ritmo dos seus versos é também uma série de ideias – ideias postas em música.

E é por isso que se nem todos entendem inteiramente o pensamento íntimo dos seus poemas, ninguém se pode furtar à afável sedução das suas rimas.

E é preciso lê-lo com inteligência e com sensibilidade – porque os seus versos não são como os versos de muitos outros poetas.

Quase todos os poetas fazem-nos sentir as suas emoções e só elas, e o nosso coração, alheando-se de si mesmo – só estremece com o sentimento alheio. Fernando Pessoa, pelo contrário, faz-nos acordar ao mesmo tempo um novo mundo de imagens, que não são dele somente, mas são nossas também.

E é tão complexa ou tão completa a sua personalidade – que teve que se desdobrar em Álvaro de Campos, nesse extraordinário engenheiro Álvaro de Campos, que ficou existindo só porque ele o imaginou.

Santa-Rita Pintor admirava-o como um dos mais interessantes espíritos da sua geração, como a melhor e mais forte inteligência da nova literatura. E Santa-Rita não se enganava, como não se enganou nunca nas suas apreciações, porque as fazia sempre mais com a inteligência do que com a sensibilidade – embora nele a sensibilidade fosse uma inteligência também.

Esparsa e fragmentária é a sua obra, quase esquecida no *Orpheu*, no Portugal Futurista, no *Centauro* e na *Athena*, mas o seu espírito original e criador, a subtilidade do seu pensamento, não hão-de morrer tão cedo, antes estarão sempre, como amparo e guia, ao lado de todos quantos, sentindo na sua inteligência a necessidade quase física de ser uma outra coisa, mais completa e perfeita, nele hão-de sentir o precursor dum grande movimento e a origem duma nova vida.

Fernando Pessoa sentiu também a exigente necessidade de se criar um novo homem, com um novo cérebro, vivendo e agindo num mundo novo. A velhice do mundo apavorava-o – e era absolutamente necessário que uma nova juventude

viesses renovar a Europa envelhecida. E Fernando Pessoa, ou melhor, o Álvaro de Campos exclamava: “A Europa está farta de não existir ainda! Está farta de ser apenas o arrabalde de si própria!”

Nele ardia pois o desejo firme de se descobrir um novo mundo, porque o que existia era, quando muito, estrume e só estrume para o futuro.

Que faz Fernando Pessoa? Não sei. Mas quero crer que ele não precisa fazer mais nada, porque a sua obra já está feita – e se esta de alguma coisa carece é de ser compreendida e depois de compreendida, continuada.

E é digna de ser compreendida e continuada a sua obra – porque um lirismo inédito nela palpita, um lirismo feito de sentimento português e de inteligência europeia.

A nossa literatura definha-se no limite estreito das nossas fronteiras, e não commove o mundo, exactamente porque lhe falta um sentido europeu, que, se o tivesse, lhe daria um carácter internacional, embora fosse ao mesmo tempo enraizadamente nacionalista.

E é a obra dum português europeu a obra lírica de Fernando Pessoa.

Minuete invisível

Elas são vaporosas,
Pálidas sombras, as rosas
Nadas da hora lunar...

Vêm, aéreas, dançar
Como perfumes soltos
Entre os canteiros e os buxos...
Chora no som dos repuxos
O ritmo que há nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...
Pálida, a pompa indecisa
Da sua fébil demora
Paira em auréola a hora...

Passam nos ritmos da sombra...
Ora é uma folha que tomba,
Ora uma brisa que treme
Sua leveza solene...

E assim vão indo, delindo
Seu perfil único e lindo,
Seu de todas,
Nas alamedas, em rodas
No jardim lúcido e frio...

Passam sozinhas, a fio,
Como um fumo indo, a rarear,
Pelo ar longínquo e vazio,
Sob o disperso pelo ar,
Pálido pálio lunar...

Névoa

A névoa envolve a montanha,
Húmido, um frio desceu.
O que é esta mágoa estranha
Que o coração me prendeu?

Parece ser a tristeza
De alguém de quem sou actor,
Com fantasiada viveza
Tornada já minha dor.

Mas, não sei porquê, me dói
Qual se fora eu a ilusão;
E há névoa em tudo o que foi
E frio em meu coração.